

letrônica

Professora de francês

Felipe Iszlaji

Ela foi a única mulher de sardas que eu fotografei até hoje. E como elas ficam bem nas fotos em preto-e-branco. Em especial se você utilizar filmes de alta sensibilidade, procurando atingir uma boa granulação. Eu aconselho a qualquer fotógrafo. Sair na rua à cata de alguma sardenta. Elas dão ótimos retratos, nus e amores.

No meu curso de fotografia, aprendi que a granulação é utilizada com sucesso para capturar paisagens contaminadas, retratos da velhice, esportes violentos, ruínas. Ela era tudo isso ao mesmo tempo. E, de certa forma, as sardas eram o arremate perfeito disso tudo, o *grand finale* do artista que a pintou.

J'aime ce qui est beau. Ela tinha escrito isso em uma folha avulsa e perguntava para mim o significado.

Eu amo o que é belo, respondi.

Ela me parabenizou sorrindo e com um movimento afirmativo da cabeça.

Isso mesmo, eu gosto do que é belo, ela disse.

Ficou claro que, para ela, pouco importavam os matizes semânticos do verbo *aimer* dentro daquela sentença. A aula daquele dia versava sobre os *Pronoms Relatifs*. *ce qui, ce que, ce dont*, era o que estava escrito e grifado, com letras cursivas, de professorinha, logo acima da sentença sobre o belo.

Era nossa segunda aula de Francês. Aulas particulares, três vezes espalhadas na semana e duas horas em cada dia. O pagamento era ao final de cada aula, não havendo assim um compromisso com relação a um período de tempo ou número de aulas a cumprir. As aulas poderiam se encerrar a qualquer momento, bastando, para isso, que nos avisássemos com poucos dias de antecedência.

Jamais nos avisamos.

Je découvre ce que je ne connais pas.

Nós descobrimos aquilo que não conhecemos, eu disse, seguido por outro gesto de cabeça dela. E outro sorriso.

Naquele momento, ainda não sabíamos se os sorrisos, gentilezas e simpatias do outro eram pura expressão de uma personalidade prazenteira ou vacilo de uma química já incapaz de se conter.

Descobri nesse dia que ela queria ser escritora. Descobri também que ela havia se graduado no curso de Letras em uma faculdade aqui do interior de São Paulo e que vinha dando aulas de francês e fazendo revisão de textos acadêmicos enquanto se decidia pelo tema com o qual ingressaria em uma pós-graduação em Estudos Literários. O problema é que, enquanto decidia, dois anos já haviam se passado desde sua formatura.

Ainda não me sinto madura, argumentou tediosa, tornando evidente que esta não era a primeira nem a segunda vez que repetia aquelas palavras naquela ordem e ocasião.

Voltou a sorrir, recolheu o caderno, a caneta e os dicionários, disse C'est fini e levantou-se para ir embora. Ela era muito pontual, tanto pra chegar, quanto pra se ir. Pelo menos, no começo.

Segunda às duas então.

Trocamos beijos e ela saiu pedalando na rua de paralelepípedos. Esperei ela sumir na esquina e vi sua sombra trepidante sumir atrás dela.

Luiza possui o charme característico das pessoas que, sem deixarem de ser bonitas, possuem alguma evidente imperfeição no rosto. Um nariz maior, um ligeiro estrabismo, um queixo obtuso *a la* Noel Rosa. No entanto, mesmo olhando cuidadosamente para os seus retratos hoje, não consigo perceber qualquer desprimor que justifique esse tal charme. Seu nariz é caprichoso e escarpado de leve, terminando numa bolinha. O vinco nas bochechas é oblíquo e suave. A boca pequena, mas polpuda. Dois riscos pretos e bastante ciliados ocupam o lugar dos olhos. Semi cerrados eles olham o mundo com preguiça. Tudo isso sobre uma pele branca, branquinha, salpicada de sardas miúdas e emoldurada por cabelos pretos e longos.

Eu amo o que é belo e como é belo o pescoço de Luiza. O cabelo sempre preso com presilhas, grampos, piranhas, elásticos, canetas, deixam nus o pescoço, o colo e a nuca da professora. Ela se irrita quando eu me distraio. Estala os dedos e me aponta as figuras do livro. Eu bem queria saber onde batem aqueles cabelos quando soltos.

Porque estudar literatura não é fazer literatura, convenhamos. Esse mestrado em literatura, para um escritor, equivale ao emprego de uma loja de discos para um músico, animar *buffets* infantis para um ator ou fotografar casamentos, para mim. Brigamos aquele dia. Eu não sabia exatamente onde eu a ofendia, nem o tamanho das minhas ofensas.

Ela envergonhava-se diante da câmera. Virava a cara, metia o rosto entre os cotovelos, puxava os lençóis por cima da cabeça e fazia buuuu. Mas foi se acostumando com os instantâneos...

E era sempre a sério que fazíamos pedidos às estrelas e cílios caídos. E eu tinha a impressão de que aqueles olhos excessivamente ciliados satisfariam todos os meus desejos, *mais c'est pas vrai*.

Na cama ela me confessou que já quis ser acrobata, que fez teatro na adolescência, que pensou em juntar dinheiro trabalhando em cruzeiros e que chegou mesmo a quase embarcar para ser recepcionista em Dubai. Comprou violão, teve aulas, namorou o professor. Beijou meninas e não gostou. Trabalhou no xerox, foi caixa de videolocadora, vendeu cartões postais artesanais e teve bolsa-auxílio na faculdade.

Dizia que todos nós temos um olho doce e o outro louco. E queria me provar, cobrindo com uma das mãos ora uma ora outra metade das faces dos retratos que eu tenho espalhados pelas paredes do quarto. Um feirante doce, um feirante louco. Uma doce negra, uma negra louca. Uma menina, uma puta. Uma noiva, uma suicida. Um palhaço, um assassino. Um fotógrafo, um safado.

E depois de muito me olhar fotografá-la e depois de muito comparar os seus retratos, disse que o meu olho louco era melhor fotógrafo que o outro. É claro que para mim tudo isso é uma grande bobagem. Não passa do resultado de uma intenção, uma busca, como aquele que lê horóscopos, consulta cartas, observa os pássaros e estende as mãos a uma cigana. Mas quando ela disse aquilo, eu quis examinar retrato por retrato. Eu queria ter um olho louco que fosse bom. Foi aí que percebi que ela se ria. Se sacudia de rir. Ria da minha cara. Ria da minha descrença crente. Ria da rasteira que passou em mim. Eu pulei em cima dela e lhe fiz cócegas com raiva. Eu queria machucá-la. Queria trepar olhando para o seu olho doce e dar-lhe tapas pela cara.

Era de Peixes e pressentia desastres que nunca aconteciam. Desfilava pra mim de calcinha e cigarro e colocava sempre a mesma cassete velha pra tocar, músicas gravadas para mim por uma antiga namorada. E eu já estava enjoado de ouvir *London*, *London* passar para *Amor de Índio*.

Juramos que éramos os únicos. Prometemos morar em São Paulo. Nossa casa teria uma biblioteca, quadros, fotografias, um laboratório, um estúdio, um cinema, um Labrador, plantinhas e bibelôs dos diferentes países e cidades visitadas. Prometemos ficar juntos quando eu voltasse de Paris depois de um ano. Ela me olhava e os seus dois olhos, o louco e o doce, eram tristes.